

**CONTRIBUIÇÕES DA CAPOEIRA ANGOLA ENQUANTO
ESTRATÉGIA DE MANIFESTAÇÃO DA CULTURA AFRO EM
ESCOLAS PÚBLICAS DE NATAL/RN**

**THE CONTRIBUTIONS OF CAPOEIRA ANGOLA AS A STRATEGY FOR
THE MANIFESTATION OF AFRO CULTURE IN PUBLIC SCHOOLS OF
NATAL/RN**

**CONTRIBUCIONES DE LA CAPOEIRA ANGOLA COMO ESTRATEGIA DE
MANIFESTACIÓN DE CULTURA AFRO EN ESCUELAS PÚBLICAS DE
NATAL/RN**

Flávia Fernanda Santos Silva

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
flaviafernandasilva@yahoo.com.br / <http://orcid.org/0000-0002-6171-8636>

Rodrigo Ferreira Quintanilha

Professor especialista de Educação Física do Instituto Federal do Maranhão – IFMA/Campus Pinheiro.
rfquintanilha@ifma.edu.br / <http://orcid.org/0000-0001-7544-8027>

Recebido: 19/12/2020; Aceito: 21/05/2021; Publicado: 22/08/2021.

RESUMO

No conjunto de manifestações de matriz africana existentes no Brasil, atualmente a Capoeira Angola é um símbolo de resistência no país, principalmente após ter sido reconhecida por seus valores culturais e educativos. Com base nessa realidade, este artigo tem por objetivo debater a Capoeira Angola enquanto estratégia pedagógica de resistência e manifestação cultural, sendo uma das possibilidades de aplicabilidade do Ensino de História e da Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas de Natal/RN. Com base na realidade local, a abordagem metodológica é de natureza qualitativa, sob a perspectiva dos Estudos Culturais. Para a composição da pesquisa, foram utilizados procedimentos de revisão de literatura e entrevistas semiestruturadas com um professor de Capoeira Angola e um professor do Ensino Fundamental – Anos Iniciais do Ensino Fundamental, visando complementar a discussão teórica realizada no texto. Os resultados mostram que o tratamento dado ao ensino da Capoeira Angola pelos profissionais da escola revela as dificuldades quanto à aplicabilidade do cumprimento da Lei 10.639/2003 no currículo escolar.

Palavras-chave: Cultura Afro; Capoeira Angola; Escola Pública.

ABSTRACT

In the set of manifestations of African origin existing in Brazil, Capoeira Angola is currently a symbol of resistance in the country, mainly after being recognized for its cultural and educational values. Based on this reality, this article aims to discuss Capoeira Angola as a pedagogical strategy of resistance and cultural manifestation, being one of the possibilities of applicability on History and Afro-Brazilian Culture Teaching in public schools in Natal-RN. Based on the local reality, the methodological approach is of a qualitative nature, from the perspective of Cultural Studies. For the composition of the research, literature review procedures were used, such as semi-structured

interviews with a Capoeira Angola teacher and a teacher from the initial grades of elementary school, aiming to complement the theoretical discussion carried out in the text. The results show that the treatment given to Capoeira Angola teaching by school professionals reveals the difficulties regarding the applicability of fulfillment with Law 10.639 in the school curriculum.

Keywords: Afro Culture; Capoeira Angola; Public School.

RESUMEN

En el conjunto de manifestaciones de matriz africana existentes en Brasil, actualmente la Capoeira Angola es un símbolo de resistencia en el país, principalmente después de haber sido reconocida por sus valores culturales y educativos. Con base a esta realidad, este artículo tiene por objetivo debatir la Capoeira Angola como estrategia pedagógica de resistencia y manifestación cultural, siendo una de las posibilidades de aplicación de Enseñanza de Historia y Cultura Afro Brasileña en las escuelas públicas de Natal - RN. Con base a la realidad local, el abordaje metodológico es de naturaleza cualitativa, en la perspectiva de Estudios Culturales. Para la composición de la investigación, fueron utilizados procedimientos de revisión de literatura y entrevistas semi-estructuradas con un profesor de Capoeira Angola y un profesor de los cursos iniciales de la Enseñanza Básica, en vistas a complementar la discusión teórica realizada en el texto. Los resultados muestran que el tratamiento dado a la enseñanza de la Capoeira Angola por los profesionales de la escuela revela las dificultades de aplicabilidad del cumplimiento de la Ley 10.639 en el currículo escolar.

Palabras clave: Cultura Afro; Capoeira Angola; Escuela Pública.

INTRODUÇÃO

Segundo a Constituição Federal de 1988, a educação é um “[...] direito de todos e dever do Estado” (Art.205 da C.F de 1988). Legalmente, temos ainda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/1996, e demais documentos regulatórios que norteiam a organização da educação básica no país, de modo que ela seja cumprida dentro desses princípios. Contudo, a educação brasileira é historicamente excludente, principalmente quando se trata das pessoas pobres e negras da população brasileira, na medida em que seus saberes e culturas são marginalizados em relação a legitimação de outras consideradas universalmente válidas.

No caso da escola pública, o ensino de História e da cultura afro-brasileira e indígena ainda é um assunto permeado de tensões. Isso em razão do lento processo de interiorização da Lei 10.639/2003, modificada pela Lei nº 11.645/2008, que normatiza esse ensino, com o objetivo de resgatar a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política na História do Brasil, bem como de combater os estereótipos negativos e os preconceitos que se perpetuam na sociedade brasileira em torno da cultura afro-brasileira e africana.

Partindo desse pressuposto, se fortalece a necessidade do conhecimento da história e cultura afro-brasileira, a fim de “[...] torná-las reconhecidas por todos os atores envolvidos com o processo de educação no Brasil, em especial professores (as) e alunos

(as)” (CAVALLEIRO, 2006, p. 20). Isso de modo que todo o imaginário construído em torno da África, principalmente aqueles em relação à pobreza e à ideia de aculturação, etc., passe por uma reflexão crítica, desconstruindo mitos e permitindo a manifestação de outros sentimentos, a exemplo disso, sentimento de pertencimento a essas culturas.

No conjunto de manifestações de matriz africana existentes no Brasil, atualmente a Capoeira Angola é um símbolo de resistência no país, principalmente após ter sido reconhecida por seus valores culturais e educativos, a qual lhe cabe o atributo de patrimônio Cultural Imaterial, tanto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 2008, como pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em 2014. Nesse sentido, é importante destacar que Capoeira está oficialmente presente em espaços educativos desde a década de 1950 e consta como disciplina em vários cursos de graduação em Educação Física pelo país.

Neste trabalho, foi utilizada uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, sob a perspectiva dos Estudos Culturais. A pesquisa foi realizada, de agosto a novembro de 2019, na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Para a composição da pesquisa, recorreu-se a procedimentos de revisão de literatura e entrevistas semiestruturadas com um professor de Capoeira Angola e um professor do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, atuante num quilombo localizado na região metropolitana de Natal.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas visando complementar a discussão teórica realizada no texto. Para que o trabalho fosse realizado dentro dos padrões éticos, foram utilizados nomes fictícios para os sujeitos entrevistados, denominados neste artigo de Professor 1 e Professor 2.

Este artigo está organizado em duas seções. Sendo a primeira uma breve discussão dos aspectos históricos e conceituais sobre a Capoeira no Brasil. E, a segunda, uma problematização da Capoeira Angola, enquanto estratégia pedagógica de resistência e manifestação cultural, sendo uma das possibilidades de aplicabilidade do ensino de História e da cultura afro-brasileira nas escolas públicas de educação básica de Natal/RN.

ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DA CAPOEIRA NO BRASIL

A história da Capoeira é complexa e gera equívocos quando se pensa que a mesma tenha surgido a partir de um único centro irradiador. Algumas pesquisas sobre o tema, como as de Soares (1999; 2001) e de Viera e Assunção (1998), revelam como a Capoeira já possui literatura nas quais é possível compreender como a dinâmica de sua expansão e

surgimento se deu de forma diversificada e complexa por seus inúmeros significados, segmentos sociais, locais de origem e sujeitos. O século XIX, no Brasil, é considerado a época em que os registros sobre sua prática foram bastante tratados em jornais, colunas policiais e em obras literárias.

Com base na vasta literatura sobre o tema, é possível considerar que a Capoeira tenha sua origem ligada à África, mesmo que no Brasil ela tenha adquirido suas próprias características. A partir da realidade hostil na qual os escravos africanos eram submetidos, os mesmos tiveram que manifestar sua resistência pelas mais diversas formas, tendo a Capoeira como uma delas.

A evidência da Capoeira enquanto elemento de luta de destreza corporal surgiu desde o início do século XIX associando o vocábulo Capoeira ao indivíduo urbano caracterizado como malfeitor e desordeiro, causador de temor da ordem pública, causando assim pavor na sociedade e à ordem policial vigente da época. Após longos anos de perseguição e discriminação aos feitos relacionados à Capoeira, logo após a Proclamação da República (1888), um novo código civil foi inaugurado no ano de 1890, quando a Capoeira passou então a ser proibida oficialmente no art. 402 do Capítulo XIII Dos Vadios e Capoeiras:

Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou inculcando temor ou algum mal. Pena: de prisão celular de dois meses a seis meses (BRASIL, 1890, online).

A literatura da área demonstra como a polícia punia com chicotadas, prisões e trabalhos forçados aqueles que eram pegos na prática de exercícios de destreza ou envolvidos em qualquer uma das situações/contextos que caracterizavam a genérica designação de Capoeira (o indivíduo) ou capoeiragem (as práticas) (SOARES, 2002; HOLLOWAY, 1997).

É importante salientar que o enquadramento da Capoeira como prática marginal foi construída a partir de uma visão opressora o que não significa que todos os praticantes de Capoeira eram de fato malfeitores e perturbadores da ordem pública. Dias (2007), a partir dos estudos de Reis (1997), lembra que a autora reforça a ideia de que “vários capoeiras” tenham convivido no decorrer do século XIX mostrando que, ao mesmo tempo em que vozes se erguiam no seio da política da Corte pedindo a criminalização da Capoeira, alguns autores, como Mello Morais Filho (1890), publicavam obras nas quais enalteciam a Capoeira enquanto forma esportiva, lúdica e símbolo de brasilidade.

Em Viera e Assunção (1998), pode-se perceber que por “Capoeira” entendiam-se também formas de ludicidade e competitividade amistosa de negros e pobres, incluindo os imigrantes europeus a partir da segunda metade do século XIX. No entanto, o traço que veio se tornar mais presente no imaginário da população em geral foi a Capoeira concebida como uma forma de luta de rua, praticada inicialmente por escravos de origem africana e seus descendentes, e, posteriormente, por imigrantes europeus que provinham das camadas menos favorecidas da sociedade.

Mas, após longos anos de perseguição e discriminação aos feitos relacionados à Capoeira, o cenário atual é outro. Atualmente, a Capoeira é praticada por muitas camadas sociais e está inserida em diversas possibilidades de prática, nas quais vêm sendo ressaltadas suas propriedades educativas, terapêuticas ou mesmo de inserção social, através de projetos executados por órgãos privados, governamentais e não governamentais. Contudo, é importante destacar que, mesmo com os processos de revalorização da cultura africana no Brasil a partir das reivindicações dos movimentos sociais organizados, o racismo que ainda ronda a sociedade brasileira pode ser visto quando a população negra continua sendo marginalizada em sua cultura e tradições (FRANÇA, 2008).

Nesse sentido, a Capoeira enquanto manifestação cultural que possui elementos de africanidade, não está isenta dos estereótipos negativos e dos preconceitos que se perpetuaram na sociedade. Souza e Oliveira (2001) comentam sobre o alerta dos mestres acerca da possibilidade de descaracterização da Capoeira em relação aos seus costumes e rituais, caso seja trabalhada de forma inadequada na escola.

Assim, a Capoeira tendo sido enquadrada como prática marginal construída a partir de uma visão opressora cujos praticantes eram tratados como malfeitores e perturbadores da ordem pública. No Brasil, a mesma passou por transformações na tentativa de dar a ela outra conotação, a de se ressignificar, associando-se à ginástica e ao esporte para cooptação de novos adeptos à sua prática (REIS, 1997). Conforme Quintanilha (2007), essas mudanças foram influenciadas fortemente pelo movimento da ginástica europeia aliada à corporação militar no início do século XX.

Uma série de transformações ressignificaram a cultura corporal dos descendentes africanos na Bahia, visto que antes existia uma diversidade muito mais considerável no que se refere às formas de luta/dança/jogo, algumas possivelmente já extintas e outras que sofreram processo de modificações até se aproximarem ao que se denominou de Capoeira.

Um exemplo é como comenta Abreu (1999) sobre o Batuque na Bahia, que hoje praticamente não existe. Dele, tem-se essa descrição feita por Donald Pierson entre os anos de 1935 e 1937:

Via-se ocasionalmente, nas ruas da Bahia, especialmente em dias de festa, outra forma de batuque ainda comum no Recôncavo. Já não era dança, mas um lance de combate em que dois homens acorados dentro de um círculo formado por espectadores, lutavam usando apenas as pernas. Perderá aquele que primeiro cair (PIERSON, 1935-1937 apud ABREU, 1999, p. 28).

Sobre essa prática Abreu (1999) faz uma pergunta inevitável: não seria isso a Capoeira? Pierson (1935-1937) não trata de uma manifestação exclusiva, e sim de uma manifestação que também era concebida como Batuque. Isso denota a fragilidade de discursos que buscam a “essência” da Capoeira que repercute incorporada na Capoeira inventada pelos baianos, ao que Reis (1997) denominou de “invenção da tradição”, com base em Eric Hobsbawn (1990).

Várias mudanças se configuram nessa ruptura: a palavra “Capoeira”, especificamente na Bahia, passa a significar diversas outras formas de expressão popular. A Capoeira deixa de ser praticada no ambiente das ruas para as academias, os saberes passam a ser transmitidos através de ensinamentos metodizados, com influência das técnicas corporais do movimento esportivo e da ginástica, e é concebida como esporte e reconhecida como cultura popular e como forma de trabalho.

Dentre as principais mudanças, destacam-se o surgimento dos estilos Angola e Regional, associados respectivamente às pessoas de Vicente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha (1889-1981), e Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba (1899-1974).

Quintanilha (2007) comenta que os dois defendiam certa correlação com a Capoeira antiga ou “tradicional”, mantendo presente o aspecto da luta. No caso, a Angola deu maior ênfase à ludicidade do jogo e ao “mascaramento” da violência, implícita à luta, mesmo aliada à perspectiva do esporte, enquanto a Regional veio a valorizar mais a eficácia no combate, ligada também aos aspectos esportivos.

Isso, contudo, não quer dizer que “angoleiros” não vissem sua prática como luta ou que “regionaleiros” não se divertissem ou não brincassem quando faziam seu estilo de jogo. Por conta de defenderem posicionamentos de ordem étnica, acabam criando novos conceitos, segmentando em estilos e, conseqüentemente, acabam introduzindo novas formas de práticas.

Reis (1997) acredita que as duas se diferenciam justamente pelos posicionamentos de ordem étnica, sendo a Regional na defesa de suas raízes como cultura afro-brasileira e a Angola na busca de seus fundamentos africanos. É bom esclarecer que Pires (2001), em sua pesquisa, não encontrou nenhuma evidência que denominasse Capoeira “Angola” antes da década de 30, no século XX. Pastinha, ao aderir esse nome, estaria com a intenção de

contrapor os dois estilos. O autor esclarece ainda sobre a diversidade cultural presente na Capoeira baiana no século XIX.

A Capoeira baiana do século passado foi bem mais diversificada do que parece. Acredita-se que tivemos diversas formas de praticar a Capoeira que variaram tanto nos processos de defesa e ataque quanto nos seus aspectos lúdicos (PIRES, 1996). Jaqueira (2006, p. 6) denomina a Capoeira atualmente como hodierna, chamando atenção para o fato de os capoeiristas segmentarem a expressão:

[...] em causa, em estilos e por entenderem que as dinâmicas sofridas pelo estilo denominado Capoeira Regional merecem nomes específicos, apesar de serem incapazes de diferenciá-los em questões técnicas. Assim sendo, uma dessas formas dinamizadas da capoeira recebeu o título de capoeira contemporânea [...].

A Capoeira Contemporânea pode ser entendida como um conjunto de práticas que se diferenciam em seus meios e fins, mesclando elementos da Capoeira Angola e Regional, e não a partir de um estilo, embora seja comum entre os capoeiristas a crença de que a Capoeira Angola seria a vertente que manteve mais elementos de originalidade e africanidade, enquanto a Regional teria sido resultado de um processo de “embranquecimento” da arte negra. Alguns autores, como Reis (1997), Soares (1999) e Pires (2001), argumentam que ambas representam um momento de ruptura com a antiga prática dos “valentões” e “desordeiros”, descritos nos noticiários de polícia e de jornais do século XIX no Rio de Janeiro e em Salvador. Segundo Soares (2004), Capoeira era um conceito bastante abrangente que englobava desde portadores de armas até praticantes “de uma luta marcial pitoresca”.

Atualmente, a Capoeira está presente em muitos lugares do mundo e inserida em diversos contextos, por mais que exista uma tendência atual em remontar um passado na busca de elementos africanos para reafirmar a Capoeira enquanto legítima expressão afrodescendente. É interessante analisar a inter-relação das corporações Militares e da Educação Física com a Capoeira para melhor compreender como esta ganhou espaço no meio acadêmico e escolar, conquistando reconhecimento como possibilidade educativa, terapêutica, de inclusão social e de qualidade de vida.

Sobre isso, torna-se necessário refletir sobre a influência da corrente de pensamento positivista no Brasil, na transição dos séculos XIX e XX, que pretendia entender os fatos da realidade a partir de dados empíricos e exatos, obtidos através de experimentações científicas que comprovassem a legitimidade dos mesmos.

Em Soares (2002), observa-se o impacto das ciências positivistas nos séculos XVIII e XIX, na França, especialmente sobre as questões corporais, que faz refletir sobre a influência recebida pela Capoeira, no Brasil, no início do século XX, com relação ao movimento ginasta europeu e ao movimento esportivo.

As expressões corporais dos funâmbulos e acrobatas na França foram tão discriminadas quanto a Capoeira no Brasil, por não se adequarem ao modelo da sociedade dominante, que passaram a nortear as atividades físicas como base nas exigências dos parâmetros científicos.

Nos escritos sobre ginástica científica no século XIX encontra-se, de modo sistemático, a negação de elementos cênicos, funambulescos, acrobáticos. Encontra-se, sobretudo, uma retórica de recusa aos espetáculos próprios do mundo circense e das festas populares onde o corpo ocupa o lugar central (SOARES, 2002, p. 25).

A autora observa que as atividades corporais informais, que consistiam em atividades lúdicas – geralmente ocorridas em ruas, praças e em circos pelos funâmbulos e acrobatas na França – foram excluídos com a imposição do rigor técnico e científico, que era mantido pelo discurso da escola francesa de ginástica.

Esse modelo se fundamentava nas ciências positivistas, principalmente na Biologia e na Fisiologia, que naquele período ganharam grande visibilidade e reconhecimento pela sociedade da época. Esses estudos primavam pelos resultados das exigências motoras e fisiológicas dos ginastas e esse modelo vigorou a todas as formas de expressão do corpo naquele período.

O movimento de ginástica foi amplamente utilizado por muitos países europeus, como a França, Suécia, Dinamarca e Alemanha, com o objetivo de formar cidadãos fortes e preparados para defender sua pátria. Esses movimentos influenciaram consideravelmente a política brasileira na transição dos séculos XIX e XX, especialmente o método sueco, alemão e francês.

Desse modo, o governo republicano tenta projetar o Brasil no modelo europeu através do adestramento corporal e de modos higiênicos, sob o pretexto de formar o “novo povo” do Brasil, excluindo a cultura dos povos indígenas e afrodescendentes, principalmente estes últimos, que se faziam bastante presentes nos grandes centros urbanos. Reis (1997) comenta que praticamente durante todo o século XIX todas as manifestações de ordem negra foram reprimidas, incluindo a Capoeira.

Essa estratégia política teve maior visibilidade no início do século XX, na década de 30, momento do auge da política higienista/eugenista e dos métodos ginásticos europeus

importados para o Brasil. Nesse período, o governo brasileiro adotou essa iniciativa política através da educação, especificamente a corporal, e foi então que teve início a retórica do corpo forte, belo e saudável. A principal responsável por essa reformulação de conceitos foi a Educação Física, que surge nas instituições militares.

Naquele momento, muitos personagens resolveram eleger a Capoeira como símbolo de brasilidade, como o guia ODC (Ofereço, Dedico e Compartilho), o guia do Capoeira ou ginástica brasileira, em 1907, cujo autor não se identifica. Depois, em 1916, o capitão Ataliba Nogueira, que era da brigada policial do distrito federal, publica um manual exclusivo para uso dos militares contendo as técnicas e golpes ilustrados com gravuras explicativas. Segundo Capoeira (2001), esse é um dos mais completos manuais sobre a Capoeira carioca.

Em 1920, o professor Mario Aleixo publica um trabalho intitulado “Eu sei tudo” propondo uma Capoeira “aristocratizada, revista, aumentada e melhorada”. Algo parecido é produzido por Aníbal Burlamaqui, conhecido como “Zuma”, que, em 1928, lança seu livro “Ginástica Nacional: capoeiragem metodizada e regrada”.

Em 1945, o professor Inezil Penna Marinho, apoiado na retórica do corpo e na obra de “Zuma”, publica, no Rio de Janeiro, “Subsídios para o estudo da metodologia da “capoeiragem”. Segundo Silva (2003), este foi um dos trabalhos que concretizaram de forma evidente as primeiras aproximações em direção à apropriação e ressignificação da Capoeira através da Educação Física, que visava desenvolver uma metodologia para o treinamento da mesma baseada no método “Zuma”. Este, conforme Silva (2003), já apontava para a perspectiva da Capoeira como esporte – nesse período a capoeira sai da ilegalidade (1937).

No entanto, essas formulações não se efetivaram em âmbito nacional. No caso, a que prevaleceu foi o modelo da “vadiação baiana” nas décadas de 1930 e 1940. “Vadiação” era uma das expressões usadas na Bahia para designar o que depois se convencionou chamar de Capoeira – em Salvador. Como aponta Silva (2003), os capoeiras baianos apresentam seus trabalhos embasados no discurso da esportivização.

Porém, uma nova investida pelo viés da esportivização para a Capoeira se deu com o professor Lamartine Pereira da Costa e com Augusto Fásccio Lopes, até a incorporação da Capoeira como modalidade esportiva na Confederação Brasileira de Pugilismo, em 1972, onde se começam as primeiras organizações dos grupos de Capoeira no Brasil.

Silva (2003) considera esse período de suma importância, pois é momento chave para compreender as transformações que ocorreram na Capoeira, principalmente em relação às propostas de ensino para a mesma. Muitos mestres não concordaram com a

incorporação da Capoeira enquanto atividade esportiva ligada à Confederação Brasileira de Pugilismo. Conforme Falcão (2004), nesse período a Capoeira começa a ser estudada, principalmente pela área da Antropologia e da Sociologia, no sentido de “repensar” sua prática.

Campos (2001) conta que a inserção da Capoeira nas universidades teve início na década de 1970 e que sua evidência em escolas ocorre na década de 1950, na Bahia. No entanto, atualmente, a Capoeira já consta como disciplina em vários cursos de graduação em Educação Física no Brasil.

DISSENSOS E CONTRIBUIÇÕES DA CAPOEIRA ANGOLA NO ESPAÇO ESCOLAR

A Capoeira, após sofrer tantas mudanças, passou a ser símbolo de resistência afro-brasileira após ser reconhecida por seus valores culturais e educativos, a qual lhe cabe o atributo de patrimônio Cultural Imaterial¹, tanto pelo IPHAN (2008) como pela UNESCO (2014).

Entretanto, muito além de uma prática meramente esportiva, a Capoeira Angola tem em sua estrutura diversas dimensões com estreita relação com a história do continente africano e da cultura de seus povos. Povos estes que sendo conhecedores de variadas técnicas que envolvem desde o manejo da agricultura, a dança, o canto, a pintura etc., demonstram o alto nível de desenvolvimento social na luta pela necessidade de superação e de seu empenho contra a própria natureza hostil de seu continente (Del PRIORE; VENÂNCIO, 2004).

A Capoeira Angola enquanto patrimônio cultural de origem africana possui diversos elementos. Princípios de coletividade, ancestralidade, valorização da natureza, música, oralidade, poesia, resistência, canto, jogo etc., que podem ser observados no ensino e no jogo da Capoeira.

Nesse sentido, visões deturpadas como a de que os negros no Brasil foram passivos, aceitando naturalmente sua condição de escravos, reforçam a importância da Capoeira Angola enquanto estratégia de resistência, pois se sabe que “[...] a fuga dos trabalhadores (as) escravizados (as)², a compra e a conquista de territórios para a formação

¹ Parecer 031/08 do IPHAN, assinado pela antropóloga Maria Paula Fernandes Adinolfi, sob a perspectiva da capoeira enquanto prática multiculturalista

² Stela Guedes Caputo em seu livro, Educação nos Terreiros (2012), trata questões de como os negros faziam resistência à escravidão e explica as diversas formas que essas resistências se manifestavam.

de quilombos materializam as formas mais reconhecidas de luta da população negra escravizada” (CAVALLEIRO, 2006, p. 20).

O canto e o resgate da ancestralidade também agregam uma função importante na Capoeira Angola enquanto prática cultural e conseqüentemente educativa. Como a base do jogo e da roda, a música é expressa na forma de cantos e ladainhas, que são acompanhados por palmas e pelos instrumentos de berimbaus (Gunga, Médio e Viola), agogô, pandeiros, atabaque e caxixe, onde algumas músicas cantadas fazem referência à amizade, fundamentos da própria Capoeira, elementos da natureza, temperos, geografia, religião etc.

No entanto, mesmo com toda essa contribuição social, o preconceito racial ainda é uma realidade no Brasil se fazendo presente no contexto escolar. A Capoeira Angola é ainda renegada ao imaginário da população em geral, apenas como forma de luta de rua, praticada inicialmente por escravos de origem africana e seus descendentes, convivendo diariamente com dificuldades para efetivação de sua prática no contexto escolar oficial.

Isso pode ser observado no depoimento de professores quando citam as resistências para aplicação dos fundamentos da Capoeira Angola em escolas de educação básica, na medida em que não há um trabalho interdisciplinar em parceria com as demais disciplinas, sendo tanto a História da África e da cultura africana, marginalizadas no currículo escolar.

Sobre esse aspecto, um professor de Capoeira Angola comenta:

A equipe pedagógica, os gestores pedagógicos, eles são os que mais dificultam o trabalho, porque eles não acreditam no seu trabalho, não acreditam no impacto que o professor de capoeira traz pra dentro da gestão pedagógica. Eu sou Capoeirista, eu resisto! Essa resistência deve ser feita em conjunto com a escola, com o professor de Capoeira, junto com o professor de história, fazendo perguntas, executando seminários, orquestrando didáticas, onde essa barreira possa ser desconstruída (Professor 1).

Mesmo numa escola quilombola, a marginalização de atividades relacionadas à História e a cultura africana também ocorrem, como destaca o Professor 2:

Apesar de a escola ser quilombola, esse tipo de atividade não é comum. A cultura dos meninos e meninas não é considerada no currículo da escola. O objetivo é ensinar a ler, escrever e contar apenas. Sendo assim, esse tipo de prática é sempre marginalizada pelos educadores. Para a maioria isso é perda de tempo!

Ao criticar essa postura nas escolas de educação básica, Chagas (2017) explica como a História e cultura afro-brasileira e africana estão sendo tratadas como coadjuvantes nestes ambientes escolares, enquanto os elementos culturais do continente europeu continuam

sendo colocados como superiores às demais histórias e culturas. Para a autora, se permanece a prática de fazer menção África em relação às grandes navegações portuguesas e na escravização dos africanos, excluindo sua contribuição social.

Nesse sentido, há também o desconhecimento dos profissionais da escola em relação à Capoeira como uma prática socioeducativa, que não se limita apenas ao esporte, mas tem em seus fundamentos os valores, a história e a resistência do povo afro-brasileiro. Um exemplo desse processo pode ser observado na fala do professor de Capoeira Angola que, ao ser questionado sobre as dificuldades enfrentadas para realizar o trabalho, destacou:

A escola deve ser um lugar que tem que agregar toda uma comunidade, não só a comunidade escolar de alunos, mas da comunidade em geral, porque a Capoeira ela agrega, ela une, ela junta, ela faz com que a gente conheça a história de onde vem, da onde veio, porque veio, a minha origem, as minhas raízes, a minha ancestralidade. E eu vejo que existe uma resistência da escola em você falar disso, de quem é você, eu tenho que criar um personagem para estar dentro da escola; para eu ser aceito, eu tenho que criar um personagem. Mas eu não faço teatro, eu sou capoeirista, eu resisto! Eu não sou mais escravo, eu posso até ser escravo de um sistema, mas a minha mente não (Professor 1).

Contrariando uma visão da Capoeira Angola restrita ao aspecto esportivo, asseveramos que durante uma aula de Capoeira pode-se trabalhar diversos elementos que envolvem a concentração, a capacidade de superação, o senso de cooperatividade, o afeto, a disciplina, etc., proporcionando que na formação dos alunos sejam contempladas várias dimensões, que não se resumem apenas a apreensão de conteúdos disciplinares.

As atividades eram inúmeras: aula de movimentação para o corpo, a parte física, trabalhávamos a parte espiritual, mental, meio ambiente, a desconstrução do preconceito racial e a desconstrução da intolerância religiosa dentro daquele espaço. Porque a Capoeira Angola liberta você, ela lhe evolui de uma forma grandiosa, ele te prepara para o que vem e quando vem, você está pronto para receber. Porque ela foi feita para isso, ela preparou o nosso povo para sobreviver ao cativo, à senzala, à perseguição que sofremos. Ela veio preparar a gente para isso, porque isso não acabou, isso ainda existe (Professor 1).

O professor das séries iniciais atuante numa escola Quilombola da região metropolitana de Natal/RN aponta as demais funções que a prática da Capoeira exerce no aprendizado e no cotidiano dos alunos, para ele:

Especificamente na escola que eu trabalho, que é uma escola quilombola, a prática da Capoeira está para além de praticar um esporte. É a maneira de manter vivo um conhecimento ancestral, herdado dos antepassados dos alunos. Antes de trabalhar nessa escola, eu via a Capoeira simplesmente como um esporte como qualquer outro, mas os alunos me mostraram que não é bem assim. Existe de fato saberes específicos da luta/dança. Tipo, é um momento de conexão entre eles. Na roda eles resolvem desavenças, brincam, se ajudam a

superar os limites do corpo. Então, essa prática é extremamente necessária na minha escola (Professor 2).

Sobre os aspectos que ainda persistem em relação à perseguição racial e cultural, a Capoeira Angola também trabalha e resgata aspectos das religiões de matriz africana através das canções entoadas. Todavia, esclarece o professor 1, que essa perseguição faz parte de um conflito social de rejeição à cultura negra pelas culturas dominantes. Para ele, na atualidade, a intolerância religiosa que ainda ocorre dentro das escolas tem levado muitas crianças a conviverem diariamente com afirmações de educadores que tendem a demonizar as religiões de matriz afro.

Nessa perspectiva, crianças praticantes do candomblé afirmam a associação de sua religião ao culto de demônios que, no aspecto da ancestralidade africana praticada no Brasil, ainda é negativamente classificado por muitos como Macumba. Um termo que “[...] muitas vezes é utilizado de forma generalizada para designar as práticas religiosas das religiões afro-brasileiras e pode ter também um sentido pejorativo” (CAPUTO, 2012, p. 43). Isso de certa forma termina por interferir no preconceito em relação à roda de Capoeira Angola, que possuindo músicas que fazem menção à religião de candomblé também sofre discriminação pelo desconhecimento da religião e da própria cultura africana.

Embora isso, o professor 1 afirma que esse e outros conflitos podem ser trabalhados na escola através do ensino da Capoeira Angola, pois essa atividade também contribui nas relações professor-aluno, família-escola, alunos-alunos e na escola como um todo:

Nós tínhamos um envolvimento muito grande entre capoeira, família e aluno. Eu sempre resolvi conflitos familiares. Alguns pais falavam: meu filho obedece mais a você do que a mim! Se eu digo que eu vou ligar para você, ele chora! E isso era levado para as reuniões da escola. Era levado para dentro da gestão pedagógica.

Sobre o processo de transformação de conflitos na escola, Diniz (2014, p. 72) esclarece que isso “[...] significa compreender as causas e os elementos das situações que permeiam o contexto institucional, a fim de melhorar o próprio processo de ensino-aprendizagem”. Nesse sentido, o ensino de Capoeira Angola numa perspectiva de trabalho cooperativo em que o professor conhece a realidade dos alunos, pois está inserido na comunidade, auxilia na transformação da realidade apresentada, na medida em que o ensino da Capoeira Angola também perpassa a construção de atitudes e valores. Assim, cabe à escola refletir e aceitar a existência dos conflitos, não apenas para criar estratégias de punição, mas para pensar em estratégias didático-pedagógicas que promovam resoluções

efetivas, a partir do reconhecimento de processos históricos de marginalização em que a escola também possui responsabilidade em promover uma educação emancipatória.

Nesse aspecto, o professor de Capoeira lamenta a sua atividade não possuir o reconhecimento da escola na amenização dos conflitos, quando afirma não possuir formação didático-pedagógica superior, o que ele considera como um dos entraves que justificam o professor de Capoeira Angola ficar à mercê dos projetos que envolvem outras disciplinas. Além disso, afirma haver um preconceito sobre a sua capacidade de estabelecer estratégias, inclusive com restrição de sua atuação em alguns espaços e horários na escola.

[...] eu também passei por muitas coisas, quantas vezes eu cheguei e o vigia não queria abrir o portão. Porque eu era só uma opção secundária, eu não tinha vínculo com o governo, com município, com o estado... Não era “seguro” para a escola (Professor 1).

Quando questionado sobre a Capoeira Angola promover uma resistência e valorização da Cultura Afro na escola, o professor 1 destaca:

Eu vejo que a sociedade brasileira tem uma rejeição muito grande com tudo o que é negro. Tudo o que é negro causa desconforto. É como se a gente causasse algum tipo de incômodo. Não entendo porque fazem um julgamento da sua cor, eles olham para você e denominam quem você é. Ele lhe classifica, literalmente! Na escola, a gente ainda sente essa rejeição. Estamos acostumados ao preconceito ser estruturado através da fala, do olhar, do discurso! Às vezes ela não diz nada, mas a forma como ela lhe olha, diz tudo. A gestão pedagógica precisa entender o que é Capoeira Angola, o que é ser um capoeirista. Ela precisa entender os valores que tem ali dentro, que é para ela não tratar com tanta violência o professor de Capoeira Angola quando ele chega na escola.

Caputo (2012), ao referir-se às práticas multiculturais na escola, problematiza o resultado de pesquisas que revelam as dificuldades dos docentes de estabelecer orientação multicultural em suas práticas, sendo esse um grande desafio a ser enfrentado nesse espaço. Para a autora, a escola ainda é permeada por preconceitos de vários tipos com tendência a não reconhecê-los, o que exige o fortalecimento de um trabalho numa perspectiva multidimensional.

Com isso, infere-se que a prática da Capoeira Angola, enquanto atividade que promove saberes de coletividade, solidariedade, toque e confecção de instrumentos, dança, sensibilidade e relação com a natureza, precisa ser mais valorizada no espaço da escola pública, na medida em que ela é capaz de desconstruir e reconstruir essa realidade discriminatória e antidemocrática ainda tão presente nas escolas públicas brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs uma discussão sobre a Capoeira Angola enquanto estratégia pedagógica de resistência e manifestação cultural, sendo uma das possibilidades de aplicabilidade do ensino de História e da cultura afro-brasileira nas escolas públicas de educação básica de Natal/RN. Com base nos aspectos analisados, conclui-se que a prática da Capoeira tem sua importância no contexto escolar, uma vez que ela proporciona aos alunos e demais sujeitos envolvidos na escola, a capacidade de desenvolver variadas dimensões por meio da luta, do jogo e da brincadeira. Trabalhada de forma interdisciplinar, ela permite que não apenas os conhecimentos da história, da geografia, da língua portuguesa, da matemática e de demais disciplinas sejam ampliados, mas do compartilhamento de valores, crenças, desconstrução de preconceitos raciais, de gênero, classe etc.

Nesse sentido, o tratamento que ainda é dado ao ensino da Capoeira Angola na escola pode ser considerado uma das respostas para diversos problemas que envolvem as dificuldades quanto aplicabilidade do cumprimento da Lei 10.639/2003 no currículo escolar.

Considerando a importância deste debate, salientamos a necessidade de formação de profissionais qualificados para o enfrentamento do racismo e da construção de uma escola em que sejam valorizadas todas as manifestações culturais pertencentes à formação histórica/social brasileira. Assim, é importante destacar que embora a Lei 10.639/2003 já possua 16 anos de aprovação e atenda às reivindicações dos movimentos sociais organizados, isso não significa dizer que a mesma vem sendo implementada e cumprida nas escolas.

É importante destacar ainda que os profissionais envolvidos no processo educativo precisam possuir, além da sensibilidade pedagógica, a consciência profissional de aplicação do que tem sido previsto em lei na área da educação. Nesse debate, se inclui o problema do lento processo de interiorização do ensino da história e da cultura africana e indígena na escola, que ainda é incipiente e marcado de omissões e silenciamentos.

Ademais, considerando as conquistas da Capoeira nas políticas públicas de âmbito nacional ser um grande feito na gestão do então ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, defendemos uma política voltada para a Capoeira que garanta sua legitimidade de Patrimônio Cultural Imaterial, algo que, como aponta Silva et al. (2014), deve ser constituída nos espaços públicos, como praças, ruas, terreiros e à beira-mar, onde ocorreu e ocorreu sua sociabilidade de origem afrodescendente e que foi gradativamente

incorporando outros traços culturais e contribuições de grupos diferenciados, transformando assim a Capoeira em prática multicultural.

REFERÊNCIAS

ABREU, Frederico José de. **“Bimba é Bamba”**: a capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

ADINOLFI, Maria Paula Fernandes. **Registro da Capoeira com Patrimônio Cultural do Brasil** (Parecer nº 031/08). Brasília: IPHAN, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Brasília/DF: MEC, 1996.

BRASIL. **Decreto n.º 847, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Código Penal. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília/DF, 10 dez. 2003. P. 1.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos Terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: fundamentos da malícia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DIAS, Bruno Pimenta. **Rixas, rolos, vadios e valentões: a capoeira como território da vadiagem**. 2007. Monografia (Graduação em Curso de Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2007.

DINIZ, Bárbara Silva. **Avaliação de mediação de conflitos no contexto escolar: um estudo de caso no Distrito Federal**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CAVALLEIRO, Eliane. Valores civilizatórios- dimensões históricas para uma educação anti-racista. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações e Ações para a educação das relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD/MEC, 2006.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica da Paraíba. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623661125>>. Acesso: 03 nov. 2019.

FRANÇA, Luiz Fernando de. Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e em *O menino marrom*, de Ziraldo. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 31, jan./jun. 2008.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>>. Acesso: 03 nov. 2019.

HOLLOWAY, Thomas H. **Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

JAQUEIRA, Ana Rosa. Capoeira: configurações e dinâmicas contemporâneas. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 4, n. 7, p. 17-31, jan./mar. 2006.

Del PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890-1950)**. 2001. 435 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2001.

QUINTANILHA, Rodrigo Ferreira. **Análise das produções científicas sobre capoeira nas três últimas edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte: uma análise de discurso**. 2007. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2007.

REIS, Leticia Vidor de. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira e Educação Física “nas voltas que o mundo dá”: um estudo de suas inter-relações no decorrer dos tempos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13, 2003. **Anais [...]**, Caxambu, 2003.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A era de ouro da capoeira. **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 14-20, mar. 2004.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição: os capoeiras na Corte Imperial (1850-1890)**. Rio de Janeiro: Access, 1999.

SOUZA, Sérgio Augusto Rosa de; OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de. Estruturação da capoeira como conteúdo da educação física no ensino fundamental e médio. **Revista da Educação Física**, Maringá-PR, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2001.

SILVA, Jorge Silveira [et al.]. A prática da Capoeira enquanto patrimônio cultural: trajetórias afrodescendentes e multiculturalismo no Brasil. **Estudios Historicos**, ano VI, n. 12, jul. 2014.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 81-120, 1998.

Como citar:

ABNT

SILVA, F. F. S.; QUINTANILHA, R. F. Contribuições da Capoeira Angola enquanto estratégia de manifestação da Cultura Afro em escolas públicas de Natal/RN. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 7, e202123, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202123>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

APA

Silva, F. F. S., & Quintanilha, R. F. Contribuições da Capoeira Angola enquanto estratégia de manifestação da Cultura Afro em escolas públicas de Natal/RN. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 7, e202123. Recuperado em 22 agosto, 2021, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202123>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2021, Universidade Federal do Maranhão.

